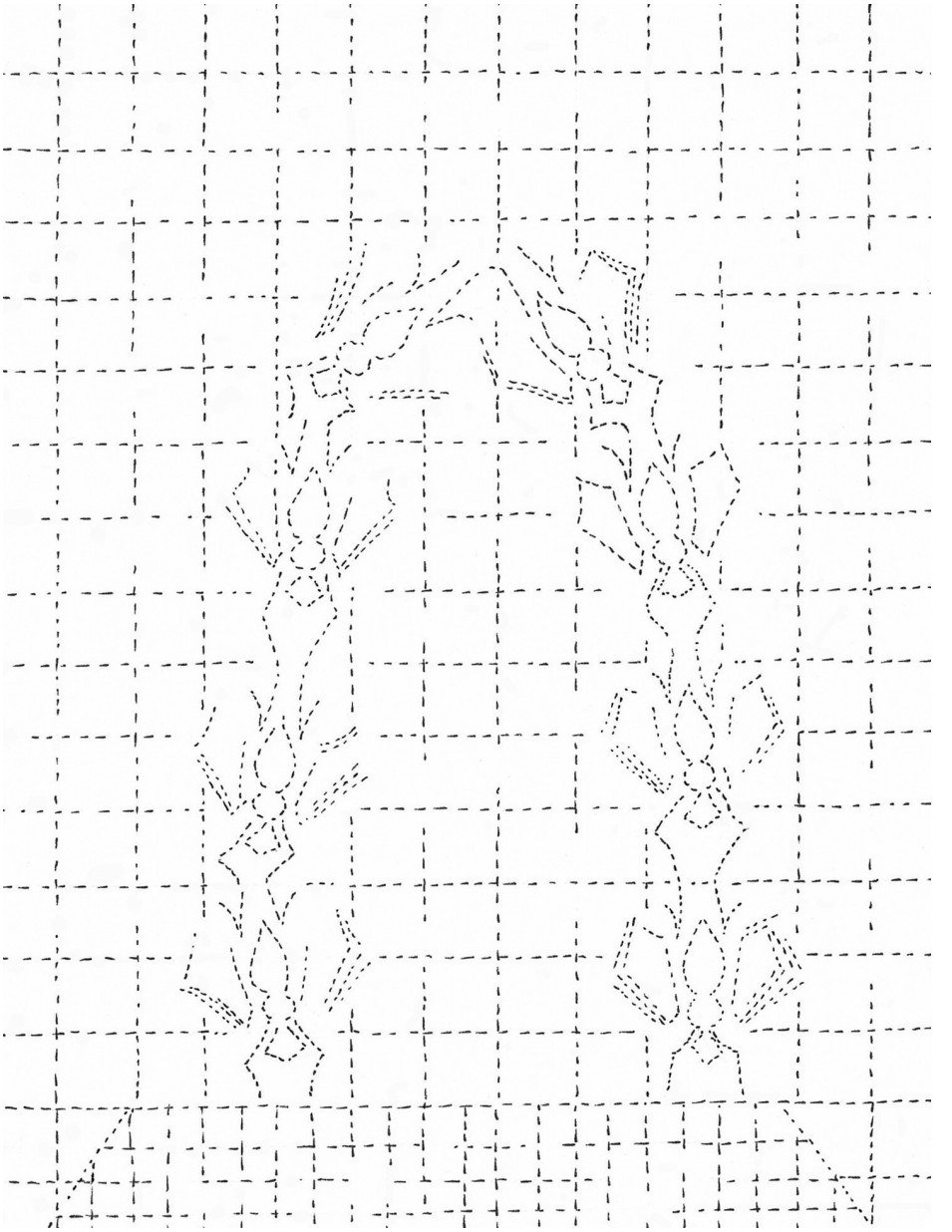


À ABELHA, O DEVER DA FUNÇÃO;
À FLOR, O SEU ÍNTIMO PRAZER;
O MEL COMO UM RAIO

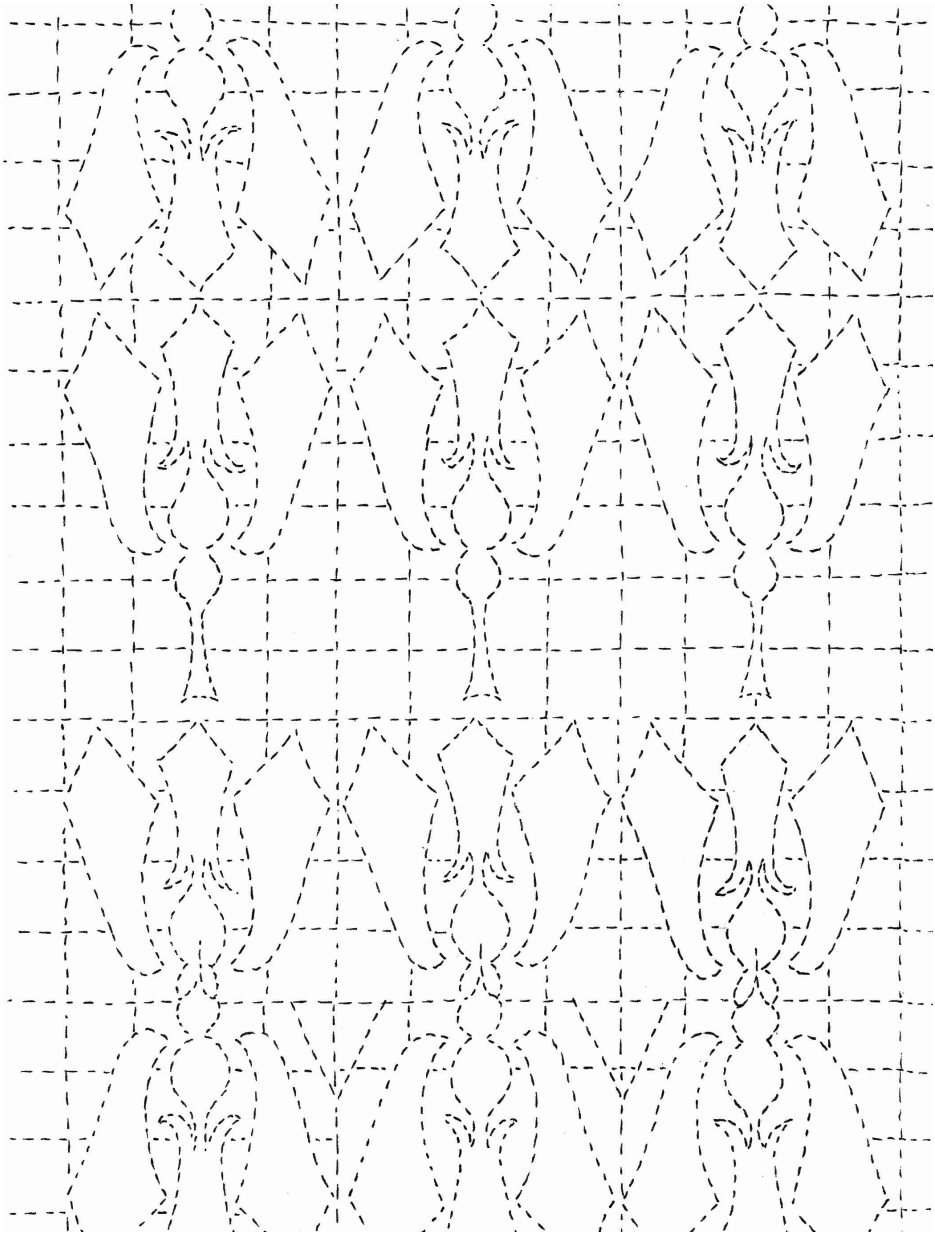
(L)

Sister, Goes so slow,
Harsh Patel

22 Abril 2011: Navio Vazio (k) e (m)
Flor Infinita e *Arquivo*
1 de Julho 2011: Navio Vazio (n)
Rencontre avec le maître dans l'abîme

Texto / Desenhos
Isabel Carvalho / Clara Batalha

NAVIO VAZIO



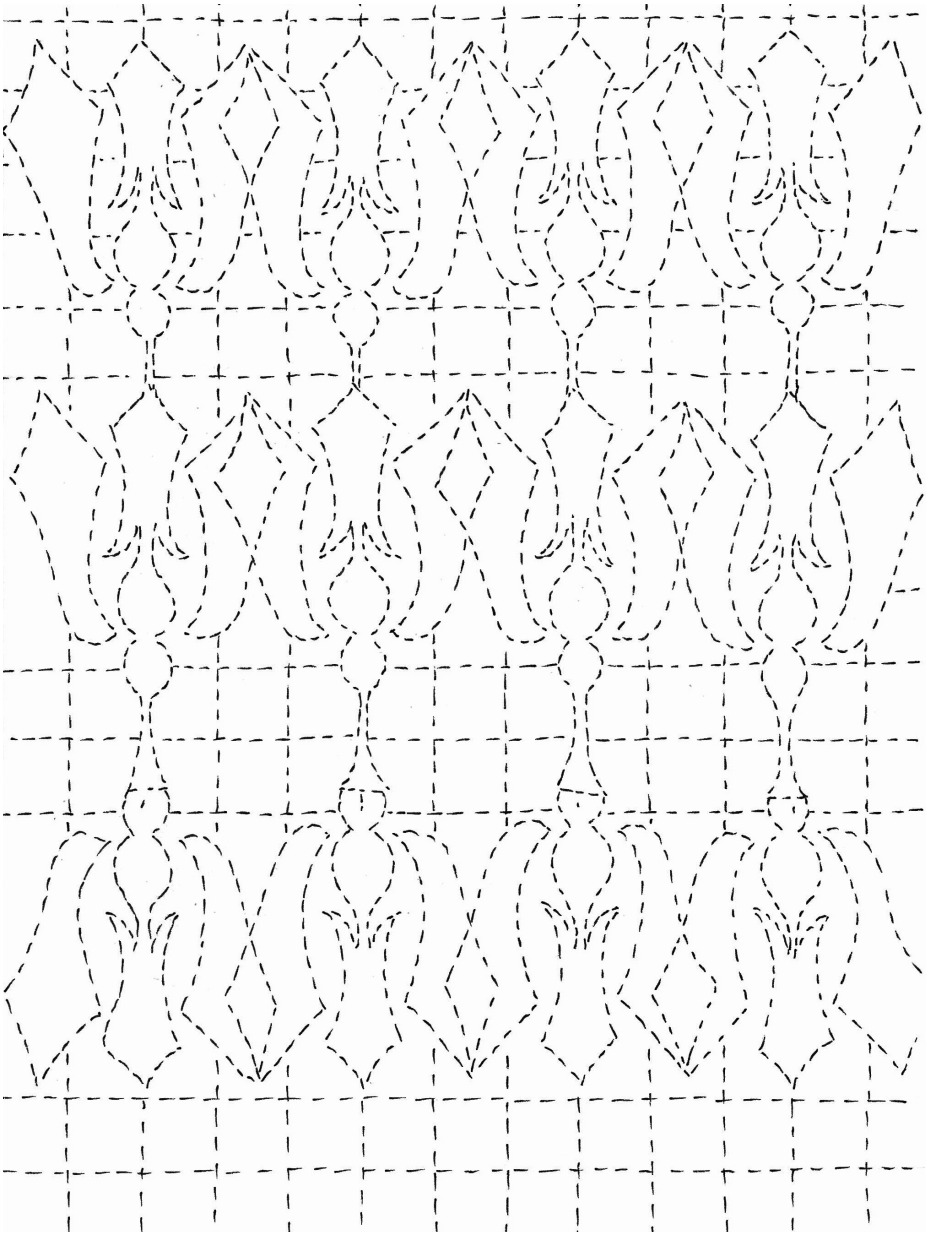
No espaço do Navio Vazio foi recentemente apresentada e celebrada uma atitude que considero exemplar da auto-edição através da exposição[1] das publicações do projecto *Sister*, de Harsh Patel.

Tomei contacto com a sua actividade editorial e o respectivo desenvolvimento em diferentes projectos (*Sister* teve apenas a duração de um ano) através da lista de participantes na Feira do Livro de Arte de Nova Iorque (2009).

Num contexto de abundância editorial que feiras como esta representam e perante o seu catálogo, Harsh Patel sobressai, arriscando apresentar uma proposta essencialmente pessoal ao distanciar-se quer da posição de *Editor-Atlas* quer do excessivo recurso à exploração da enorme variedade de possibilidades gráficas.

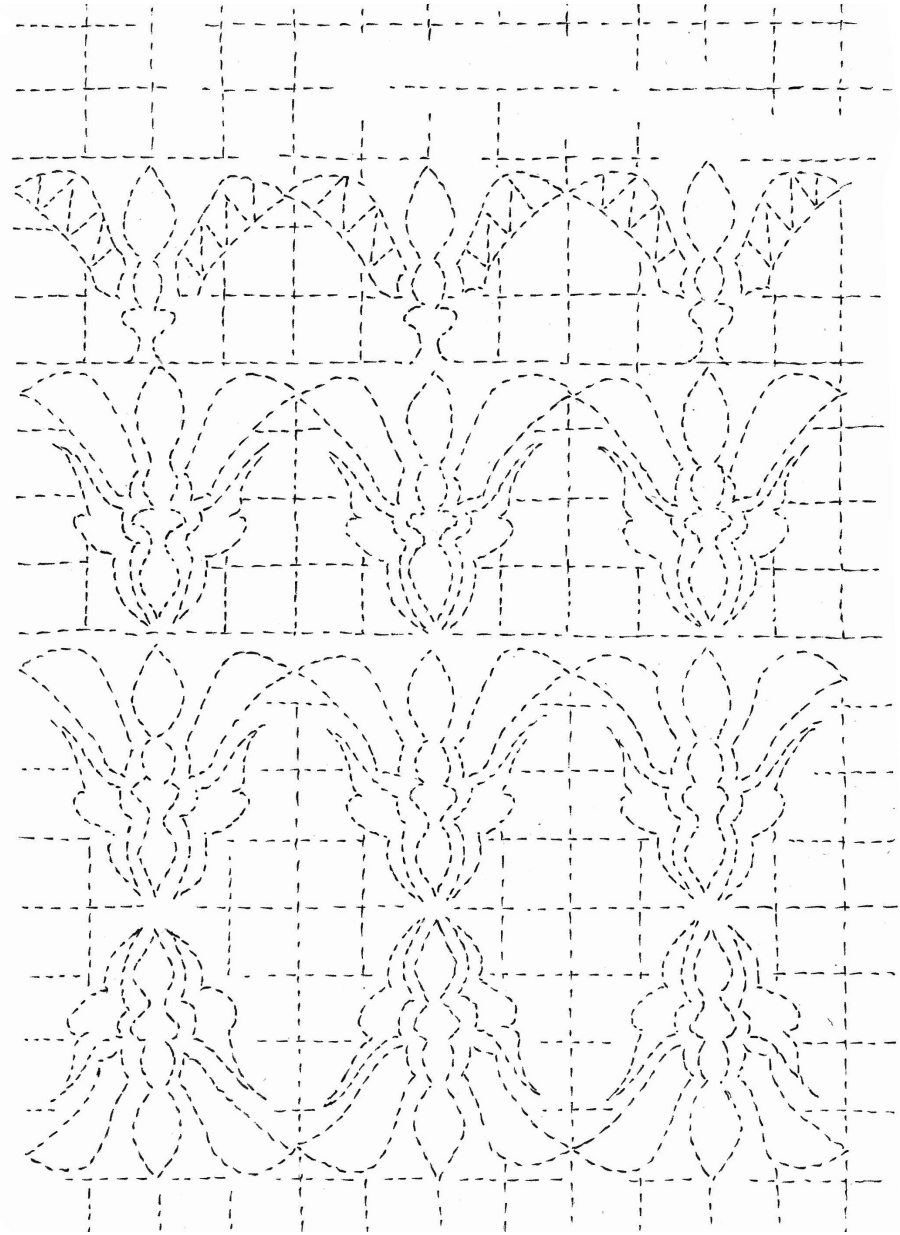
O conjunto das publicações que realizou é formalmente muito delicado: pelo cuidado na escolha dos papéis (es-

NAVIO VAZIO



-sencialmente papéis de uso corrente, de baixa gramagem, com cores suaves e optando muitas vezes por reciclados), dos formatos (rectangulares, estreitos, ao alto), sem negligenciar aspectos tão secundários quanto o uso de agrafos ou o recurso a outras estratégias de agrupamento dos cadernos. As opções gráficas são restritas, recorrendo a poucas variantes no tratamento do texto e escolhendo uma paginação sóbria. O resultado simples de cada publicação potencia a unidade e a força do todo.

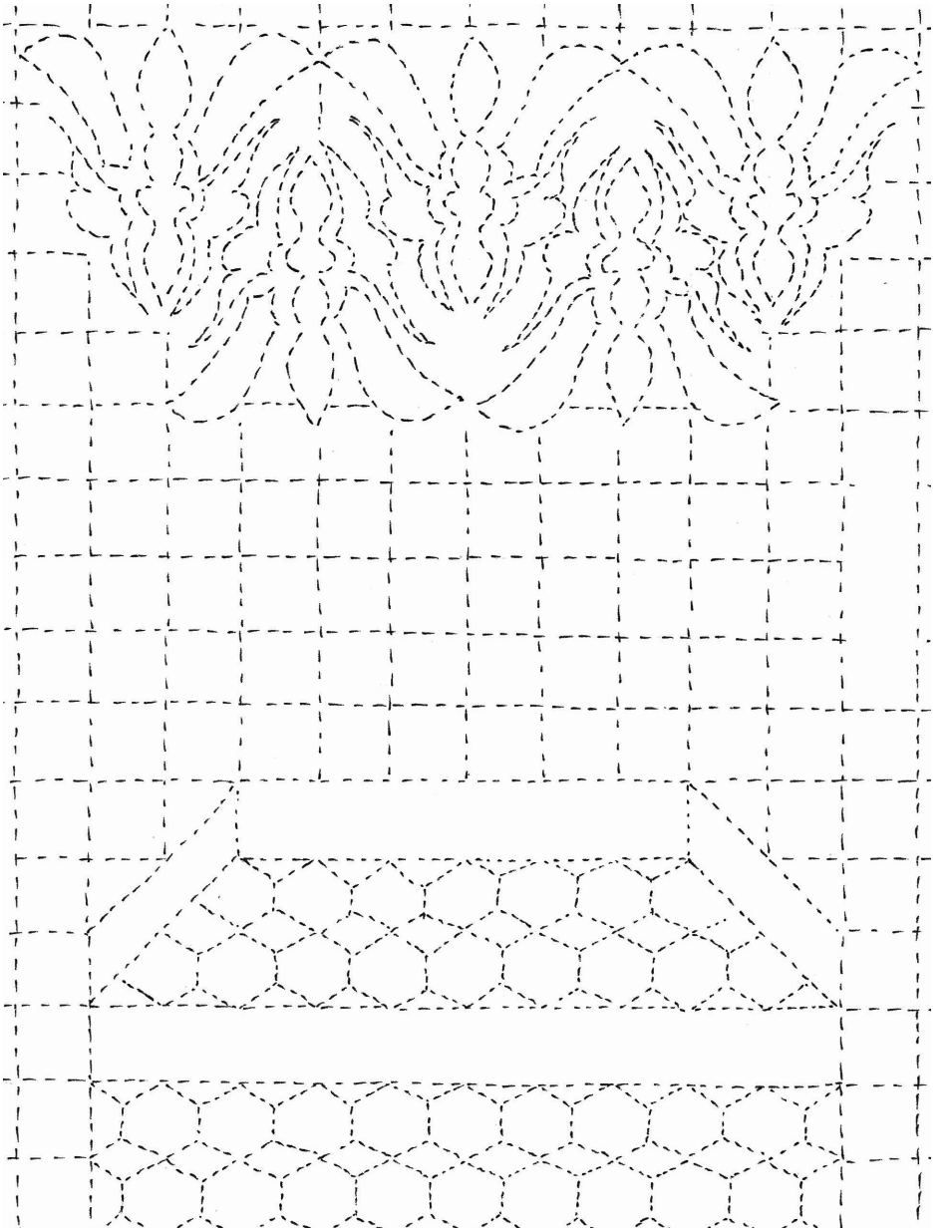
Os conteúdos com quais trabalha – essencialmente poesia – são pouco numerosos ou extensos. Uma alternativa interessante às publicações mais recentes, cujo excesso informativo (visual e verbal) se torna fastidioso e desencorajador e que, assemelhando-se a compêndios de textos essenciais para a formação do público geral sob uma perspectiva pedagógica, falham em promover o prazer intelectu-



al do encontro com um novo objecto na sua força e simplicidade visual.

Contudo, sem retirar totalmente o mérito a estes programas editoriais – pois têm um valor e importância próprios que justificam o interesse de um público consideravelmente vasto no qual também me incluo –, estes não satisfazem o desejo de encontrar na coerência de propostas como esta um convite à exploração de outras leituras profundas através da profundidade do seu editor.

Harsh Patel é também poeta, e é através desta filiação que o posiciono. É o trabalho de transformação subtil de subjectivação que o torna interessante, uma vez que se confirma, na concretização dos seus projectos, a sua própria transformação interior. É esta que dá generosamente a conhecer ao público – o seu próprio processo e caminho em direcção à profundidade do encontro com as suas referências. Em **A**



escrita de si [2], Michael Foucault refere-se ao exemplo dos *hypomnemata*:

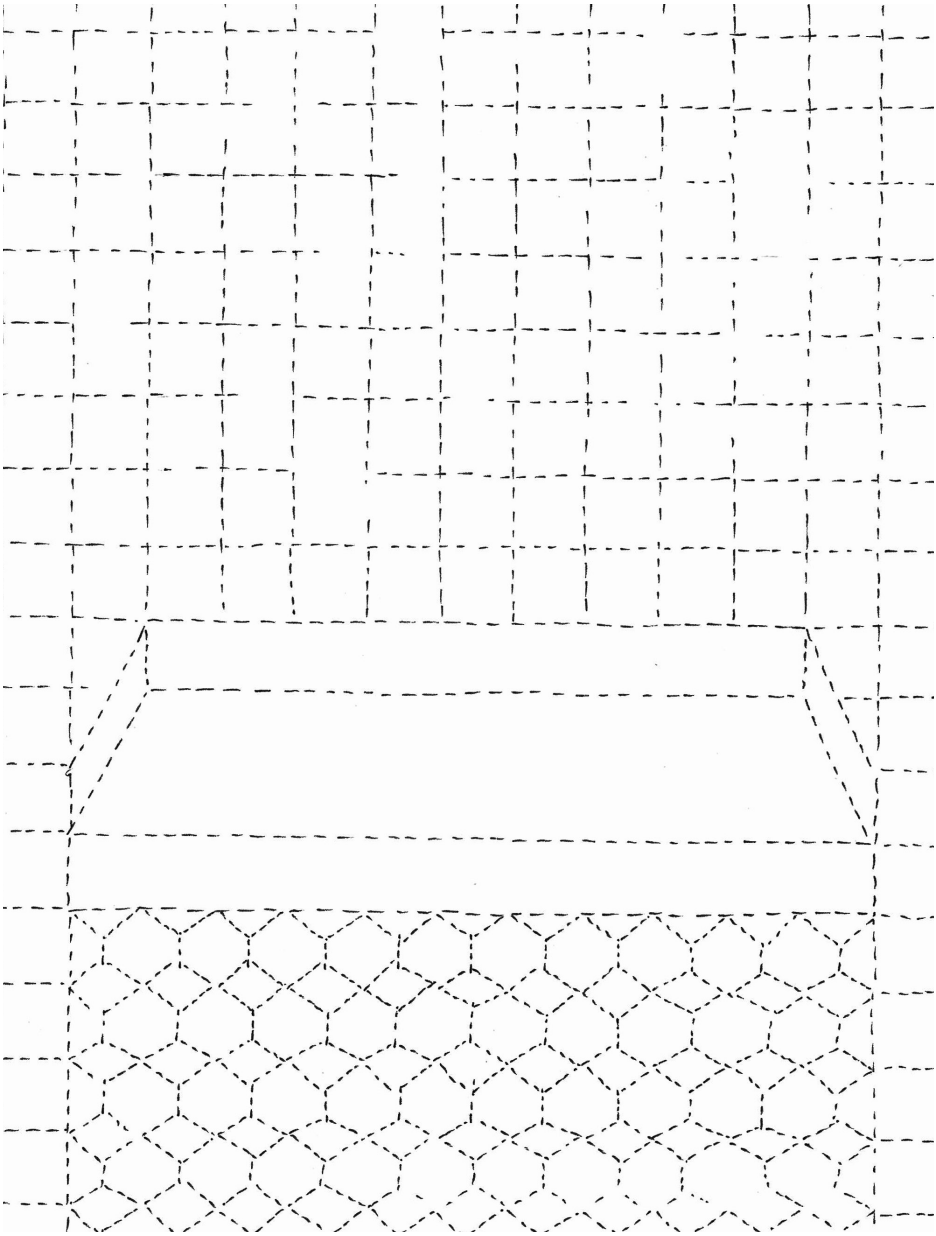
"Neles eram consignadas citações, fragmentos de obras, exemplos e acções de que se tinha sido testemunha ou cujo relato se tinha lido, reflexões ou debates que se tinha ouvido ou que tivessem vindo à memória. Constituíam uma memória material das coisas lidas, ouvidas ou pensadas; ofereciam-nas assim, qual tesouro acumulado, à releitura e à meditação ulterior."

E sobre o papel do autor dos *hypmnemata* na re-escrita:

"O papel da escrita é constituir, com tudo o que a leitura constitui, um 'corpo' (...) como o próprio corpo daquele que, ao transcrever as suas leituras, se apossou delas e fez sua a respectiva verdade: a escrita transforma a coisa vista ou ouvida 'em forças e em sangue' (*in vires, in sanguinum*)."

É no princípio de constituição destes fragmentos que se enquadra o traba-

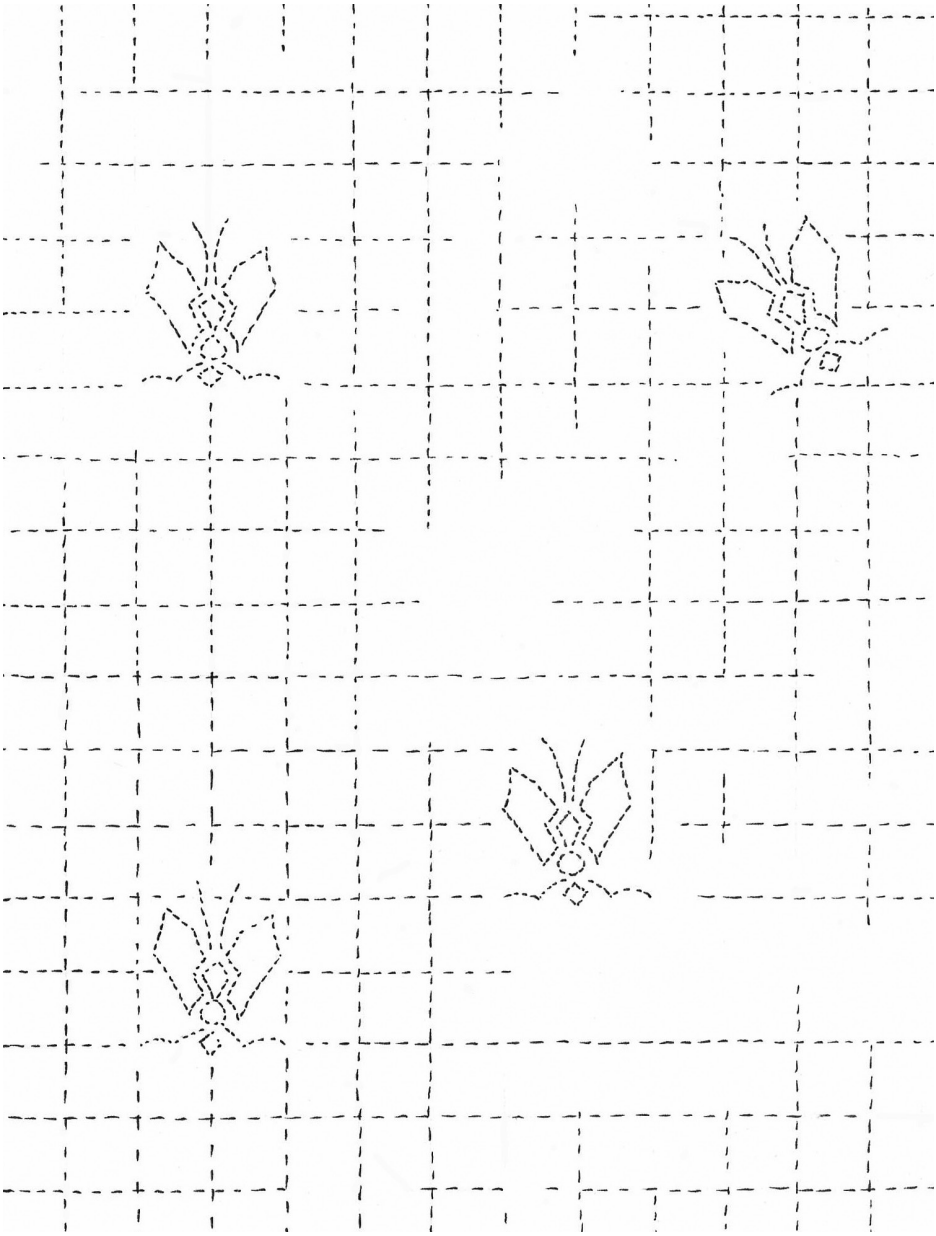
NAVIO VAZIO



lho de Harsh Patel – não haver outro objectivo que não o de servirem para si em primeiro lugar. E é por isso que, assim, ao subverter o lugar que ocupa a comunicação (com o outro), se distingue da divulgação de um saber geral.

Harsh Patel recorre à memória de referências que o acompanharam e a jogos a ela associados, despertando poetas antigos e associando-os, no mesmo catálogo, a poemas escritos por amigos seus (aos quais endereça o convite para escreverem poesia) e à sua própria produção poética. É essencialmente um trabalho de prazer (de afirmação) que se revela e se traduz no outro (público) do mesmo modo.

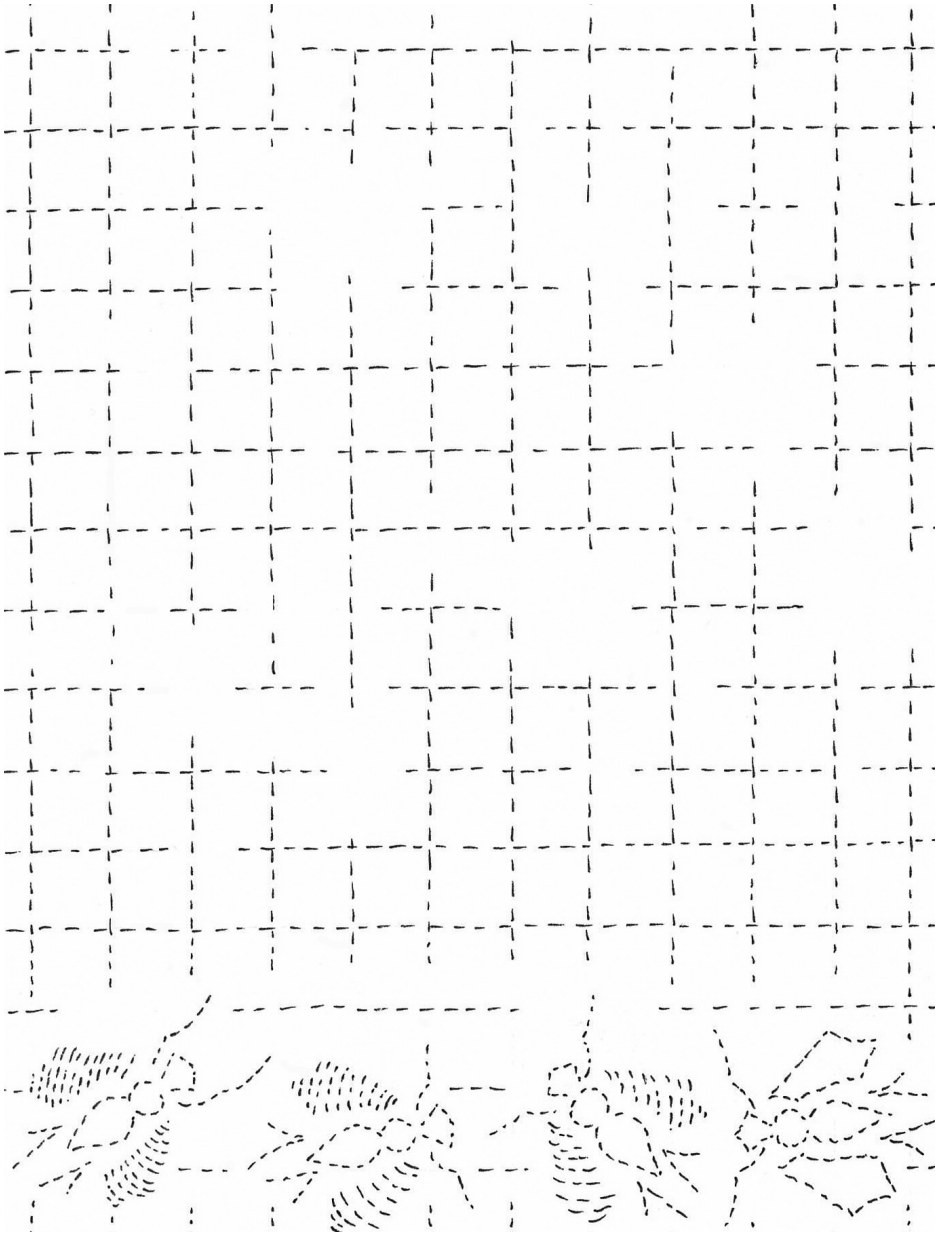
Assim, o seu trabalho resulta de um modo de operar menos conforme à conveniência da aceitação do que é dado, superficialmente, mas de acordo com uma resistência em procurar outros sentidos inesperados e provocá-los – um jogo em aberto que



se traduz incessantemente neste e em todos os seus projectos que se encontram intimamente inter-relacionados. Recusando qualquer imediatismo informativo, apresenta, com força impregnada na simplicidade dos recursos usados, várias dimensões a descobrir.

Se historicamente entre autor e o editor persiste uma fricção de interesses (e seria interessante traçar e caracterizar o percurso desta relação e da divergência e convergência de objectivos na produção editorial), o exemplo de Harsh Patel é o da acumulação de ambas as posições na responsabilização e interiorização de todo o processo (como projecto) e na supressão de desacordos e (inevitáveis) cedências. Ou seja, reivindicar-se-á para Harsh Patel o papel de autor, tal como se impõe o seu discurso dentro da área

NAVIO VAZIO



(1) 5 de Março de 2011; (2) FOUCAULT, Michel: O que é um autor?, 5ª edição, Editora Vega, Lisboa, 2002.

da edição – transgredindo o que se entende por edição e mesmo auto-edição.

Na apresentação realizada no Navio Vazio pretendeu-se valorizar esta atitude. As publicações do projecto *Sister* foram dispostas sobre o padrão de uma colmeia pintada sobre um suporte cujo efeito se aproximava ao de um vitral. O padrão circundava todo o espaço, tornando-o, ilusoriamente, iluminado. Renovava-se a associação entre o trabalho do poeta e o da abelha (elemento presente e de significado constante em várias culturas e sociedades desde tempos remotos) que, roçando-se pelas mais diversas flores, lhes retira a riqueza do pólen e o transforma em mel.

Do mesmo modo, o editor o faz na sua tarefa transformista. O mel, raio de luz que ilumina, porção de conhecimento, é a recompensa.